**Saci-Pererê – OK**

O saci é um menino negrinho que fuma um cachimbo e apronta diversas travessuras pelas fazendas: trança o rabo do cavalo, azeda o leite fresco e vive por aí em rodamoinhos, se escondendo e pregando peças em todo mundo. Ele tem uma perna só e usa um gorro vermelho, que lhe dá o poder de sumir e aparecer em outro lugar em instantes.

Diz a lenda que ele também arrancava as penas da cauda dos papagaios e enrolava a língua do tamanduá. Quem quiser controlar as brincadeiras do saci, que deixam todo mundo com raiva, precisa pegar seu gorro vermelho. A história era contata principalmente pelos escravos africanos para assustar as crianças, filhas dos fazendeiros que eram donos dos escravos.

**Iara – OK**

A sereia Iara, metade humana e metade peixe, tem sua casa no fundo das águas mais profundas dos rios brasileiros. Ela aparece sempre na beira dos rios, sentada em uma pedra, penteando seus cabelos e cantando lindas canções. É uma mulher linda, que gosta de atrair os pescadores com seu canto e sua voz doce direto para o fundo do rio.

A lenda da Iara foi trazida pelos portugueses. Baseada em alguns mitos gregos. A sereia gosta de enfeitar seus cabelos e os pescadores de todo o país já sabem: ao ouvir uma música com voz de mulher, todos tapam os ouvidos para não serem levados para o fundo do rio.

**Curupira – OK**

Um menino comum, exceto pela cabeleira vermelha, pela pele esverdeada e pelos pés virados para traz. Apesar da aparência um pouco assustadora, o Curupira é o grande protetor das florestas e dos animais brasileiros. Sua lenda é conhecida desde antes dos portugueses chegarem no Brasil. Ele é o espírito da floresta que cuida de toda a natureza.

Seus pés virados para trás despistam os caçadores, deixando rastros falsos em todos os lugares. Assim, os caçadores se perdem por dias dentro da mata, sem conseguir lembrar o caminho de volta.

**Boitatá – OK**

A lenda diz que essa cobra gigantesca de olhos grandes que mais parecem bolas de fogo foi o único animal que sobreviveu a um dilúvio que houve na Terra. Ela se escondeu debaixo das águas, em um lugar escuro, e esperou que o dilúvio passasse. Os viajantes dizem que veem o boitatá principalmente à noite, rastejando pela floresta com seus olhos grandes e brilhantes.

O boitatá também protege as matas contra incêndios, mas pode perseguir os caçadores e incendiários das florestas se esbarrar com um. Por isso, quando um viajante avista o boitatá deve ficar parado de olhos fechados para mostrar que ela ali em paz.

**Lobisomem – OK**

Diz a lenda que, quando uma mulher tem sete filhas e o oitavo filho é homem, esse menino será um lobisomem. Existem outras versões, que dizem que quando uma mulher tem sete filhos homens, o sétimo também se transformará em lobo toda lua cheia de cada mês.

O lobisomem é um homem alto, magro, de pele pálida e nariz arrebitado. O menino que nasce lobisomem cresce como uma criança normal até os 13 anos. Depois, na lua cheia, se transforma em um lobo que uiva para a lua e assusta as pessoas, apagando as luzes da cidade e afugentando os cachorros. Usar roupa do avesso é uma forma de se proteger do lobisomem, que se transforma novamente em homem ao amanhecer.

**Cuca – OK**

Quem nunca ouviu antes de dormir a música: “Dorme neném, que a Cuca vem pegar. Papai tá na roça e mamãe foi trabalhar”? A Cuca é uma figura folclórica que ninguém sabe ao certo com o que se parece. Muitas pessoas dizem que é uma velha corcunda, que vive desgrenhada. Outras ainda dizem que é um jacaré enorme de olhos amarelos que consegue andar apenas com as patas traseiras, como no Sítio do Pica-pau Amarelo.

Ela vive em uma caverna escura, onde faz bruxarias. Toda vez que alguma mãe canta a música para seu filho dormir, a Cuca acorda para ir atrás da criança. Mas ela não faz mal nenhum, só fica por perto, vendo as crianças dormirem. O que assusta mesmo é sua aparência.

**Lenda do Açaí**

Numa tribo indígena, localizada onde mais tarde foi fundado o município de Belém do Pará, os alimentos se tornavam escassos em decorrência do aumento populacional, por esse motivo o cacique ordenou que todas as crianças que nascessem fossem mortas.

Assim aconteceu com a sua neta, sacrificada após Iaçã, sua filha, ter dado à luz. Iaçã sofreu muito e chorava sem parar, até que pediu ao deus Tupã que mostrasse ao pai uma forma de resolver o problema da tribo sem que fosse preciso matar as crianças.

Foi então que numa noite, Iaçã ouviu o choro de um bebê e ao olhar viu a sua filhinha junto de uma árvore. Correndo para ela, a menina desapareceu nos braços da mãe, onde também morreu Iaçã depois de tanto chorar.

Iaçã foi encontrada sem vida abraçada à palmeira e olhando com um semblante sereno e feliz para o topo da árvore, que estava repleta de frutinhos escuros.

Os frutos foram apanhados e dele fizeram um suco nutritivo que alimentou a tribo. O cacique batizou o fruto de Açaí (Iaçã, ao contrário) em homenagem a sua filha.

**Lenda das amazonas**

As índias Icamiabas, que significa “mulheres sem maridos”, tinham a sua própria tribo, onde não viviam homens.

Uma vez por ano elas recebiam índios numa festa com o objetivo de acasalarem. No ano seguinte, depois de terem dado à luz, entregavam os filhos do sexo masculino aos pais e criavam as meninas, oferecendo aos pais muiraquitãs, um amuleto em forma de sapo.

Navegadores deram o nome de amazonas às índias Icamiabas. Isso porque, desde a Antiguidade, ouviam falar em guerreiras que se recusavam a viver com homens e que usavam o arco e flecha como poucos o faziam. Para tanto, elas tiravam um dos seus seios permitindo manusear de melhor forma o arco e a flecha. A palavra “amazonas” decorre da junção de a-Mazón, que significa “mulher sem seios”.

Ao atravessar o que hoje é conhecido como o rio Amazonas, esses navegadores avistaram mulheres com essas características e lutaram com elas, acreditando que se tratassem das mesmas guerreiras de que já tinham ouvido falar, batizando assim o maior rio do Brasil.

**Lenda do boto – OK**

Segundo a lenda, o boto-cor-de-rosa vive no rio Amazonas, de onde sai durante as festas populares da região.

Ao sair do rio o boto se transforma em um rapaz atraente e bem arranjado que, além de paletó branco, usa um chapéu - acessório que tenta esconder o rosto e, principalmente, o seu nariz comprido, característica que lembra o boto.

Durante as festas, o boto passa a noite toda em forma humana, ocasião em que aproveita para seduzir as moças que acabam por engravidar. Ao amanhecer, se transforma em animal e volta para o rio.

A lenda do boto é usada para justificar a gravidez de mulheres solteiras ou fora do casamento, motivo pelo qual, para se referir a essas crianças, surge o ditado popular “a criança é filho do boto”.

**Lenda da mandioca**

A filha do cacique tinha aparecido grávida, o que desagradou muito o chefe da tribo. Ele não queria acreditar que ela não sabia como tinha engravidado, tal como dizia ao seu pai. Até que certa noite, um sonho aconselhou o cacique a acreditar na sua filha.

Depois de nascer, Mani, como era chamada a indiazinha, era muito estimada na tribo, mas um dia sua mãe a encontrou morta.

Desolada com a perda, a mãe resolve enterrar Mani na sua oca e todos os dias chorava a morte da sua filha, que mesmo sem vida apresentava um semblante feliz.

As lágrimas da mãe eram tantas que molhavam a terra onde dias depois nasceu uma planta desconhecida que ela passou a cuidar. Ao notar que a terra estava ficando rachada, resolveu cavar na esperança que encontrasse sua filha com vida.

E, assim, encontrou uma raiz, a mandioca, junção das palavras “Mani” e “oca”. Daí surgiu esse tubérculo nutritivo que é a base da culinária de muitos brasileiros, principalmente na região Norte.

**Lenda do Uirapuru – OK**

Quaraçá, um índio muito valente e que gostava de tocar flauta, tinha se apaixonado por Anahí, que era a mulher do cacique de uma tribo na região do Amazonas.

Sofrendo com esse amor impossível, o infeliz Quaraçá pede ajuda ao deus Tupã. Comovido com o índio, Tupã resolve transformá-lo em um pássaro, o uirapuru, já que ele gostava tanto de canto e de passear pela floresta na companhia da sua flauta.

E, assim, o índio pôde ficar perto da sua amada, pousando no seu ombro enquanto a índia se encantava com aquele belo pássaro. Acontece que o cacique também ficou encantando com o canto do pássaro e, um dia, tentando prendê-lo, perdeu-se na floresta.

Assim, a amada de Quaraçá ficou sozinha e ele poderia revelar o seu amor, mas para isso era preciso que ele tomasse novamente a forma humana, o que apenas seria possível se a índia descobrisse a identidade do pássaro de que ela gostava tanto.

**Vitória Régia – OK**

A índia Naiá estava apaixonada por Jaci, o deus da lua. Na tribo, os índios costumavam dizer que Jaci buscava as índias mais belas para namorar e as transformava em estrelas.

Assim, todas as noites Naiá aguardava a chegada de Jaci com o desejo de que ela o conseguisse seduzir. Até que um dia, vendo a lua refletida no rio, Naiá inclina-se para beijá-lo e acaba caindo na água e se afogando.

Comovido com o que tinha acontecido à índia, Jaci resolve homenageá-la, mas em vez de transformá-la em uma estrela como as outras, a transforma em uma vitória-régia.

E daí tem origem a vitória-régia, conhecida como “estrela das águas”, uma planta aquática nativa da Amazônia.